

**PERSPECTIVAS DO ORIENTE:
LITERATURA E ELEMENTOS CULTURAIS NO ISLÃ**

Elaine Cristina Senko Leme¹

71

Resumo: Este estudo é baseado na minha docência enquanto professora da área de História Cultural. Há um crescente movimento acadêmico e da comunidade brasileira em conhecer a cultura do Oriente, especificamente a islâmica. Destarte, demonstro no artigo presente elementos da cultura islâmica que mais chamam a atenção dos alunos/as em meus cursos.

Palavras-chave: Cultura Islâmica. Identidade. Literatura Árabe-Islâmica.

Abstract: This study is based on my teaching as Professor of Cultural History area. There is a growing academic community and the brazilian moving to know Eastern culture, specifically Islamic. Thus, this article demonstrate the elements of Islamic culture that most attract the attention of students in my courses.

Keywords: Islamic Culture. Identity. Arab- Islamic literature.

A literatura árabe pré-islâmica possui em sua narrativa essencialmente elementos da natureza, e com o islamismo elementos religiosos começaram a aparecer. Por isso no Islã o *Alcorão* (ALCORÃO, 1426) é o livro por excelência da literatura. O livro de *As Mil e Uma Noites* possui a poesia árabe pré-islâmica e do período islâmico. Vamos analisar a noite 101^a:

Na noite seguinte ela disse: Conta-se, ó rei, que Jafar disse ao califa [Harun Al-Rashid]: Badruddin Hasan de Basra passou aquela noite com a mente em grande confusão. Ora ele dizia “sonhei”, ora ele dizia “parece-me que eu estava desperto”, ora olhava para a arrumação do aposento e para a noiva e dizia, assombrado: “Por Deus, meu irmão, até agora não passei nem sequer uma noite inteira ao seu lado”, e

tornava a dizer “parece-me que eu estava desperto”. E nesse estado ficou até o alvorecer, quando então seu tio entrou e o saudou. Badrudin Hasan olhou para ele e, reconhecendo-o, ficou meio transtornado e perguntou: “Opa, opa! Não foi você que ordenou que eu fosse surrado, amarrado, acorrentado e pregado no pelourinho por causa do doce de romã sem pimenta?”. O vizir respondeu: “Meu filho, a verdade surgiu, e manifestou-se o que estava oculto: você é, em verdade, o filho de meu irmão. Só fiz o que fiz para me certificar de que foi de fato você que possuiu minha filha naquela noite. Você conhece seu turbante e suas demais roupas, o recibo das moedas de ouro e as folhinhas que meu irmão escreveu, e que você colocou num invólucro de pano costurado no forro de seu turbante. Assim, se este que nós trouxemos não for quem pensamos, que o negue”, e recitou a seguinte poesia: “O destino não é de constantes certezas: são necessárias ora alegrias, ora tristezas”. E em seguida mandou chamar a mãe dele. Ao vê-lo, a mulher se lançou sobre ele e chorou copiosamente, declamando a seguinte poesia: “Quando nos encontrarmos nos queixaremos, das coisas terríveis que nos aconteceram, pois não é bonito que se transmitam queixumes, por meio da palavra de mensageiros; a carpideira, que se paga, não é como quem chora com a tristeza do coração; mensageiros tampouco saberiam, falar com a mesma dor que eu falo”. Em seguida, a mãe lhe relatou tudo quanto sofrera desde que ele partira, enquanto ele, por sua vez, também lhe relatava tudo quanto sofrera, e ambos agradeceram a Deus por deixá-los novamente juntos. No dia seguinte, o vizir foi informar o caso ao sultão, que ficou muito impressionado e ordenou que aquilo se registrasse por escrito. E então o vizir, seu sobrinho e sua filha passaram a desfrutar da vida mais deliciosa, da melhor situação e de grande calma, comendo, bebendo e se divertindo até o fim de seus dias. [Prosseguiu Jafar]: “Foi isso o que sucedeu ao vizir de Basra e ao vizir do Egito, ó comandante dos crentes”. O califa disse: “Por Deus, Jafar, que essa história é o prodígio dos prodígios!”. Em seguida, ordenou que ela fosse registrada por escrito, libertou o escravo, presenteou o rapaz com uma de suas próprias concubinas, ordenou que lhe fosse dado o suficiente para viver e tornou-o um de seus comensais, até que foram todos alcançados e separados pela morte. E a aurora alcançou Sahrazad, que parou de falar. Dinarzad disse para a irmã: “Como sua história é agradável e insólita, maninha”, e ela respondeu: “Isso não é nada perto do que irei contar-lhe na próxima noite, se acaso eu viver e for poupada”. (ANÔNIMO, 2006, p.266-267).

Dentro da tradição literária que estamos estudando aparece a importância da obra que adentrou o Ocidente via governo de Afonso X (séc. XIII), antes mesmo de *As Mil e Uma Noites*, intitulada *Calila e Dimna* (de autoria de Adallah Ben Al-Mocaffa, oriunda do século VIII). Ambas as obras trabalham no sentido de níveis de narrativas. Vamos analisar um trecho do capítulo XVI (Del hijo del rey, del fidalgo, e de sus compañeros):

[...] Desi fizome ir al su rey et mostróme á razonar con el, et ayudóme á le decir aquello porque el ovo merced de mí, et trabó en lo que le dije, non pensando en ello nin sabiendo en qué senesceria mi hacienda, et fué cosa que me metió Dios en corazon é me lo fizo decir; asi que gané amor con quel rey con que rey con que nunca fablara, et guisome por la aventura de que ove de ser rey en mi tierra, e vencí mis enemigos sin poder e fuerza que yo oviese; mas fué por el juicio de Dios que se hobo de cumplir. Onde sea él loado por estas cosas que son todas en su poder, que ninguno por arte nin por fuerza non puede contrastar lo que que ha de ser". Desi mandó el rey ayuntar todos sus ricos-homes é sus caballeros e sus alcaides e sus perlados e sus religiosos, por les facer un sermon, e fizogelo muy breve e cumplido, é bien departido, é pedricóles e accucioles a facer buenas obras con que se llegasen a Dios et non le fuesen desobedientes. Entonce levantóse un rico-home que facie vida de religioso, de aquellos que el rey mandara alli venir, et digo: "Señor, fablaste con bueno e sano entendimiento e con seso e con acuerdo, et sabemos que quanto dices es verdat; ca Dios quiso que ganásemos nos contigo lo que mereces con el seso e con el acuerdo que le Dios dió, et porque tú, esperando su merced e fiando por él, fuiste paciente, non te quiso fallecer; ca quando Dios quiere dar mejoría al home en buen entendimiento é en sofrimiento e buen seso, et le da por natura de ser piadoso e mesurado a sus pueblos, derecho es que reine en la tierra. (AL-MOCAFFA, 1952, p. 73-74).

Para a referida fonte em sua mimesis apresenta-se elementos morais (virtudes) para um bom rei: rei na sua própria terra; ter mercê; ser piedoso e mesurado. Enquanto *Calila e Dimna* tinha chegado em território cristão através dos islâmicos e judeus dos reinos recém reconquistados, em Granada se desenvolvia em sua máxima extensão duas formas literárias: a *muachahat* (ode) e os *zejéis* (poesias de amor). A *muachahat* (ode) eram poesias lidas e destinadas ao ambiente público, político e com efeito moral; as *zejéis*

(poesias de amor) eram para lidas um público seletivo ou feitas através de cartas pessoais para um ser conhecido em ambiente privado. Os *zejéis* (poesias de amor) influenciaram o romance de cavalaria no Languedoc francês tanto quanto a subjetividade cántara. Vejamos uma *muachahat* (ode) e dois trechos de *zejel* (poesia de amor) incluídas na *Muqaddimah* de Ibn Khaldun (séc. XIV). O primeiro uma *muachahat* (ode) de Ibn Al-Khatib (séc. XIV), vizir do sultão Muhammad V de Granada, pois ser poeta era apenas uma das funções dos homens próximos ao governante:

Quando as nuvens benfazejas despejarem suas águas, possam elas banhar-te copiosamente, ó tempo afortunado que me reunirá, em Andaluzia, à minha amada! Meus encontros contigo, todavia, só se realizaram em sonhos, ou se fizeram às ocultas e à custa de astúcias. Eis que o tempo nos traz uma diversidade de anelos que se sucedem uns aos outros; vão chegando isolados, ou chegam aos pares, ou aos grupos, como romeiros atraídos pelas festas de Meca. As chuvas revestiram os prados de um duplo esplendor, fazendo desabrochar as flores em sorrisos. A anêmona proclama os benefícios que recebeu do céu, do mesmo modo que Malik proclamou os que deve a Anas. Foi prendada pela Beleza com um vestido rajado, vestimenta magnífica, que a enche de orgulho. Isto se passou em certas noites que encobrem os segredos dos amores sob as trevas, que seriam mais profundas não fossem os bonitos rostos que brilhavam ali como sóis. Então, a nossa taça, tal astro brilhante, se inclinava, fazendo descer sobre nós, em linha reta, suas influências benfazejas. Surgia em mim um desejo ardente, cujo único defeito era de se esvaecer de repente; no mesmo instante em que nossa familiaridade começava a ter um pouco de doçura, surgiu a aurora, tal guarda zeloso fazendo a ronda. Ou eram as estrelas mandando suas luzes nos surpreender? Ou eram os olhos dos narcisos cujos efeitos sentíamos? Feliz do homem desprovido destes temores e que se deixa avassalar por todos os encantos do prado, enquanto as flores, seguras de sua embriaguez, aproveitam para desabrocharem, não temendo mais seus artifícios, perdendo-lhes o medo. A ribeira conversa com o cascalho; cada amante procura isolar-se com sua amada. Vê-se a rosa, zangada e ciumenta, invejando a beleza de minha amada, cobrir-se de escarlata, cor que tanto gosto. A mirta, prudente e circunspecta, tenta recolher o orvalho com suas folhas em forma de orelhas de cavalo. Ó gente da tribo acampada à beira do rio de Al-Gada! Vós a quem dei meu coração por morada! A

planície, por larga que seja, é muito estreita para conter o amor que vos dedico; olhando-a desde seu limite oriental até o ocidental, parece-me muito pequena (comparada com a imensidade de meu amor). Restabeleçamos o pacto de amizade existente outrora entre nós; libertai vosso cativo; temeí a Allah e deixai voltar à vida um amante apaixonante que exala a alma a cada um de seus suspiros. Movido por um nobre motivo, ele vos dedicou seu coração; consentireis em deixar este penhor perecer? Entre vos há uma pessoa que toca de perto meu coração, inspirando-lhe anelos, embora ela esteja longe de mim. Esta lua cheia de beleza levantou-se do lado do Ocidente, e embora seu aspecto seja afortunado, traz a infelicidade a quem a ama. O homem virtuoso e o criminoso escutam ambos com igual indiferença as promessas de Allah e suas ameaças, tão logo são atingidos pelo amor desta beldade, de olhos encantadores, lábios de mel, que, por seus encantos, se insinua e penetra em nossa alma, percorrendo todo nosso ser como o ar que respiramos. Apontou a sua flecha, disse o nome que quer alvejar, e atirou; desde então meu coração recebeu a ferida que o mata. Embora tirânica, enganando sempre as esperanças do amante e consumindo o coração de quem a ama com um ardor sempre renovado, é objeto de estima que a alma presa acima de tudo: amar a amada não é um pecado. Suas ordens agem sobre todos os corações, e sobre todos os peitos cujo tormento provoca, achando neles uma pronta obediência. Dominam seus olhares sobre a alma com poderio absoluto. Enquanto seus apaixonados exalavam os últimos suspiros, jamais pensou no Ser supremo que vinga os oprimidos e que distribui a retribuição merecida aos virtuosos e aos desalmados. – O que tens, coração meu? Cada vez que o zefir faz sentir seu sopro ligeiro, uma nova paixão vem se instalar em ti! A tábua onde está escrito o destino do amante, traz gravadas estas palavras de Deus: Certamente, o tormento com que castigarei, será severo. A beldade atraiu sobre mim sofrimentos atrozes e males (infundos), e, envolto em desgosto, experimentei castigos terríveis. A pessoa que perturbou minha alma, e que incendiou meu coração, assim como o jogo incendeia uma acha de madeira ressecada, nada me deixou da vida, salvo um último sopro que perdura ainda, assim como os últimos clarões do dia persistem depois da invasão das trevas. Resigna-te, pois, minha alma, aos decretos do destino! Emprega o momento que te resta em operar tua conversão e em orientar teu coração para Deus. Não penses mais nos dias que passei queixando-me da crueldade das belas e gozando os favores que agora acabaram para mim. Dirige tua prece ao príncipe favorecido por Deus àquele que recebeu por inspiração esta graça

mencionada no Livro Sagrado, a este homem generoso que galgou o cume da glória e que cresceu no meio das grandezas, ao leão do castelo, ao sol das assembléias, àquele sobre quem desceu o auxílio divino como baixaram as revelações trazidas ao Profeta pelo espírito da Santidade. (AL-KHATIB, 1960, p. 434-435).

Essa *muachahat* explicita através das palavras lidas por Ibn Al-Khatib anotadas por Ibn Khaldun, como uma narrativa que inicialmente amorosa (inter-religiosa: o islâmico e a cristã) tende a um efeito moral para a corte apreender. Diferentemente do *zejel* que é uma poesia com lírica amorosa, observemos um trecho da escrita por Al-Ma'ma: “Ó, como desejaria ver minha amada para afagar-lhe o ouvido com meus versos! E perguntar-lhe porque emprestou o pescoço à beleza, e roubou à perdiz sua voz?” (AL-MA'MA, 1960, p.442); e um trecho da escrita por Ibn Al-Khatib: “Deita o vinho nas taças, enche-me o copo e torna a enchê-lo! O dinheiro foi feito para ser gasto” (AL-KHATIB, 1960, p. 442). Percebe-se como no estilo *zejel* aparecem elementos “tabus” dentro do islamismo, como o amor carnal e o consumo de vinho.

Na literatura atual, que conhece todo esse passado da literatura do Oriente, apresenta-se em diversos suportes midiáticos. Citamos como exemplos a Hq (História em quadrinhos) e documentário fílmico de *Persépolis* (2007) de Marjane Satrapi (SATRAPI, 2007). Nessa narrativa da artista iraniana apresentam-se a sua autobiografia, elementos do contexto do Irã como a Revolução Islâmica (1979), a Guerra Irã X Iraque (1980), a questão das fronteiras iranianas (1981); essas ocorrências da política da época são importantes, mas o que se destaca são os acontecimentos do privado que nos chamam a atenção: a posição da mulher na sociedade iraniana xiita; os diálogos e conflitos entre o Ocidente e Oriente; e a desilusão identitária ao final. Tanto a Hq quanto a produção fílmica (que tratam da mesma narrativa) destacam o ritmo de nossa compreensão sobre um novo Oriente, ou seja, marcado pelas intervenções ocidentais desde a época do imperialismo (séc. XIX). Destaca-se uma cena emblemática da Hq/documentário *Persépolis* que reflete as inter-relações culturais (ver parte final do artigo).

Mas outros elementos além da literatura afetam a demanda de interesse sobre o universo islâmico, exemplo disso é o que vamos pontuar a partir deste momento. A História da Moda/Vestuário no Islã está ligada a presença de peças luxuosas advindas da Rota da Seda na Idade Média, na Modernidade da influência da cultura otomana

(Istambul, Turquia), e Contemporânea uma mescla globalizada com as tradições do passado. Mas alguns elementos são universais: o turbante; o *hiyab* para as mulheres; os perfumes.

Na gastronomia ressalta-se o universo culinário de Al-Andaluz e do Marrocos, que influenciaram também o Ocidente (e quiçá nossa cultura brasileira filha da ibérica) desde o medievo até os dias atuais, tais como o uso de berinjela, alcachofras, espargos, carnes nobres (menos o de porco), alhos, cebolas, pepinos, cenoura, nabo, acelgas, espinafre, limão, laranjas, açafraão, cominho, gengibre, noz moscada, anis, trigo, xaropes de mistura de frutas com romãs, sorvetes e uma intensa variedade de chás e cafés (*coffea arabica*). Já a cozinha turca foi afetada pela cultura otomana com os seguintes elementos: verduras com cebola no arroz e azeite de oliva, pimentões, berinjelas, carnes secas; doces com manteiga e açúcar que levam amêndoas, avelãs, pistachos (tal como os *bebek* turcos que são cubinhos de pasta de amêndoa perfumada de pistachos); frutas como laranja, melão, romã, framboesa; bebida de menta com limão.

A música no Islã tem uma vertente filosófica religiosa baseada em explicações de Al-Kindi, Al-Farabi, Al-Gazali, Rumí como elemento artístico moral. A música andaluza influenciou a música espanhola e latino-americana. A música otomana tem um sentido militar que acompanhava a cavalaria.

Destaca-se aqui a *falsafa* (a filosofia árabe), pois são os homens de saber que explicavam seu mundo, destacando-se aqui o pensamento aristotélico de Averróis no século XII (que dialoga com Al-Farabi e Avicena) e que impactou o Ocidente no século XIII. Os *falasifas* dialogavam também sobre a lógica e a matemática intensamente (ELÍA, 2005, p.19).

A convivência inter-religiosa criou um ambiente para as trocas culturais como os elementos moçárabes (cristãos que se afiliavam culturalmente aos islâmicos) e os elementos mudejares (islâmicos sob governo cristão, como na época de Afonso X dentro de Toledo do séc. XIII).

A educação no Islã Medieval perpassava pelo conhecimento da *falsafa*; da caligrafia²; da alquimia com a astronomia e o sufismo que influenciou obras místicas de Afonso X tais como: Picatrix ou Gayat al-hakim, Lapidario, Libros de Astromagia, Liber Razielis (cabala), Libro de los secretos de la naturaleza, Libro de las formas y de las

imagénes, Tetrabiblos ou Liber Quadripartitum (Ptolomeu), Cánones de Al-Battani, Libro conplido de los iudizios de las estrellas, Los quatro libros de la octava esfera y de sus cuarenta y ocho figuras con sus estrellas, Libro de La alcora o seael globo celeste (construção de astrolábio); Libro del saber de astronomia, Tablas astronômicas, Libro de las Cruces.

Na História e Arte do Islã existe uma atenção especial para questões da geografia, da navegação e dos viajantes islâmicos: é interessante observar a existência de uma literatura de viagem, *rhila*, que compunha um estilo narrativo histórico e que foi representado, especialmente, pelo andaluz Ibn Yubair (1145-1217) e pelo berbere de Tanger, Ibn Batuta (1304-1368). E sobre a medicina no universo islâmico:

Conhecimento de Ibn Khaldun do livro de Galeno *Sobre o uso dos membros* ou *Períkreas tón Anthrópu sómati moríon*. Ibn Khaldun, ao longo da sua obra, se utiliza bastante de referências ao conhecimento da medicina para entender a história e o comportamento dos homens em sociedade. Segundo Ibn Khaldun: “Como é da natureza dos animais estarem sempre em guerra uns com os outros, Deus dotou-os, a todos, de um órgão destinado especialmente a repelir seus inimigos. Quanto ao homem, em vez disso, deu-lhe a inteligência e a mão. A mão, obedecendo à inteligência, está sempre pronta a trabalhar nas artes, e as artes fornecem ao homem os instrumentos que substituem, nele, os membros dados aos animais para a sua defesa. Assim, temos as lanças, que substituem os chifres, que servem para atacar; as espadas, que, como as garras, servem para ferir; temos escudos, para prestarem o serviço que, nos animais, prestam as peles duras e grossas; Sem falar de outros objetos cuja enumeração pode ver-se no livro de Galeno”. (cit. Ibn Khaldun *in*: SENKO, 2012, p.198).

As Miniaturas no Islã³, os Ornamentos (sentido de unicidade)⁴ e o Design de Jardins Islâmicos - fundamental na ideia arquitetônica islâmica -, todos compõem o quadro artístico do Oriente⁵.

Por fim, o universo cultural islâmico é fascinante e faz parte também de nossa história Ocidental, pois somos herdeiros da literatura e dos elementos culturais aqui já referenciados.

Notas:

¹ Doutora em História Medieval pela UFPR. Pós doutora PPGH-Unioeste.

² Imagem caligráfica islâmica ao final do artigo. <http://fotografia.islamorient.com/en/node/4210> (Acesso em 05/07/2015). O estudo sobre os eventos do Islã consta da islamología.

³ Exemplo de Miniatura Persa ao final do artigo. Khosrow no palácio de Shirin. “Khamsa” de Nizami. Escola de Tabriz, séc. XV. chadelimadapersia.blogspot.com (Acesso em 05/07/2015).

⁴ Ornamento indicado no final do artigo. pt.depositphotos.com (Acesso em 05/07/2015).

⁵ Jardim do Generalife, Alhambra. Imagem ao final do artigo. www.nimbustier.net (Acesso em 05/07/2015).

Referências bibliográficas

ALCORÃO. Tradução do sentido do Nobre Alcorão para a língua portuguesa. Realização do Dr. Helmi Nasr. Complexo do Rei Fahd para imprimir o Alcorão Nobre, Al-Madinah Al-Munauarah K.S.A. Ano de 1426 da Hégira.

AL-KHATIB e AL-MA'AMA. In: KHALDUN, Ibn. **Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo III)**. Tradução integral e direta da língua árabe para a portuguesa por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1960.

AL-MOCAFFA, Adallah ben. Calila e Dimna. GAYANGOS, Don Pascual (recogido por). **Biblioteca de Autores Españoles (desde la formacion del lenguaje hasta nuestros dias) – Escritores em prosa anteriores al siglo XV**. Madrid, edição de 1952, p. 41-78.

ANÔNIMO. **Livro das mil e uma noites**, vol. I: ramo sírio/Anônimo. Tradução do árabe para a língua portuguesa de Mamede Mustafa Jarouche. 3 ed. São Paulo: Globo, 2006.

ELÍA, Ricardo H.S. **La Civilización del Islam**. Irã: Fundación Cultural Oriente, 2005.

SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. Tradução de Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SATRAPI, Marjane. **Documentário Persépolis** (Direção de Marjani Satrapi; Vincent Paronnaud, França, 2007).

SENKO, Elaine Cristina. **O passado e o futuro assemelham-se como duas gotas d'água: uma reflexão sobre a metodologia da história de Ibn Khaldun (1332-1406).**

Dissertação de mestrado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: PPGHIS UFPR, 2012.

Sites

<http://fotografia.islamorient.com/en/node/4210> (Acesso em 05/07/2015).

chadelimadapersia.blogspot.com (Acesso em 05/07/2015).

pt.depositphotos.com (Acesso em 05/07/2015).

www.nimbustier.net (Acesso em 05/07/2015).

Imagens

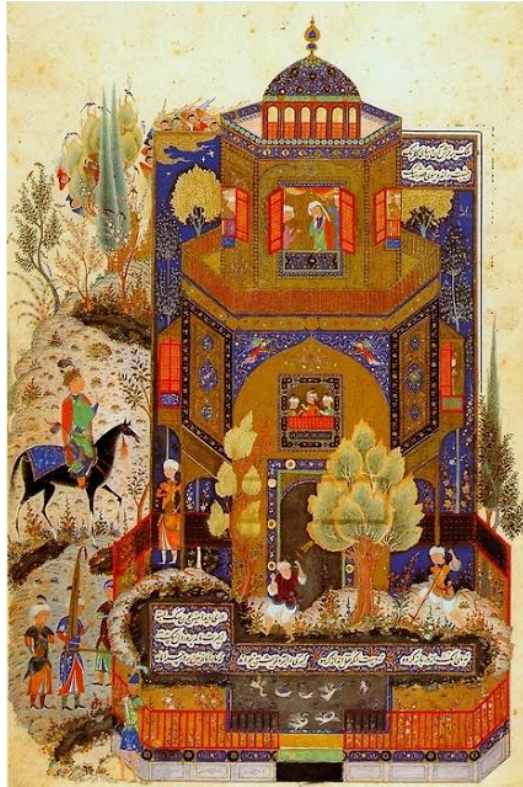


Cena da Hq/Documentário de Marjane Satrapi

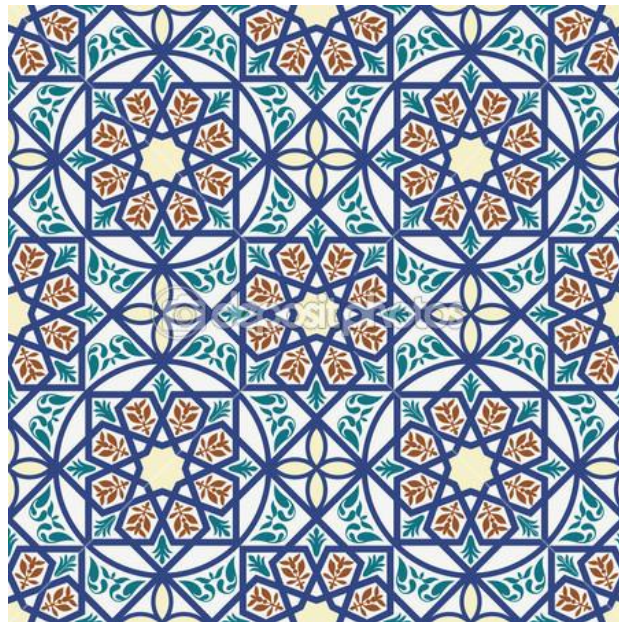
(SATRAPI, Marjane. **Documentário Persépolis** (Direção de Marjani Satrapi; Vincent Paronnaud, França, 2007).



Exemplo de Caligrafia Islâmica



Miniatura século XV



Ornamento inspirado em padronização árabe



O Generalife em Alhambra